



## **Perspectivas e Tendências Educomunicativas na Região Ceileiro do RS<sup>1</sup>**

Bruna Aparecida Dal Piaç DANELLI<sup>2</sup>

Vera Lucia Spacil RADDATZ<sup>3</sup>

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS

### **RESUMO**

A sociedade em rede fez com que o uso das tecnologias nos últimos anos fosse elevado. As escolas não seguiram no mesmo ritmo, mas agora tentam se inserir nesta realidade. Os estudos da Educomunicação chegam até as escolas para reforçar a relação entre a comunicação e a educação aliando tecnologias como mediadoras na produção de novos conhecimentos. Os dados da pesquisa foram coletados e constituem uma espécie de diagnóstico que visa demonstrar perspectivas e tendências educacionais na Região Ceileiro do Rio Grande do Sul. Estas e outras questões abordadas no trabalho cooperam com os estudos na área e revelam a importância de refletir sobre o assunto e como ainda é incipiente a proposta das secretarias de educação nesta região do Estado, tendo em vista o pressuposto da Educomunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; educação; educacional; Região Ceileiro;

### **Introdução**

A sociedade em rede está repleta de novas tecnologias. A intensificação das TICs após os anos 80, que não foram inventadas com caráter educativo, fez com que essa ideia fosse pensada. O desenvolvimento rápido dos meios fez com que muitas pessoas não acompanhassem o ritmo com que se expandiram. Outras tiveram que se adaptar. No campo da educação, o ensino tradicional, mesmo com a erupção das tecnologias, não deixou de ser seguido e as TICs não conseguiram entrar pela porta da frente. O uso das mídias e das tecnologias nas escolas é muito recente, embora o processo de transformação tecnológica já tenha iniciado, em decorrência, principalmente da necessidade dos nativos digitais. Em outras escolas, ainda há certo despreparo e falta de motivação para colocar em funcionamento uma nova metodologia que utilize as tecnologias como forma de mediação do processo de produção do conhecimento.

Nesse contexto, os estudos de educacional são potencializados como teoria e prática. A educacional nasce das indagações de estudiosos que querem mostrar o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social- habilitação Jornalismo da Unijuí, email: [b.danelli@hotmail.com](mailto:b.danelli@hotmail.com).

<sup>3</sup> Dra em Comunicação e Informação; Professora do Curso de Comunicação Social da Unijuí, email: [verar@unijui.edu.br](mailto:verar@unijui.edu.br).



poder das tecnologias como motivadoras e capazes de transformar o modelo de educação. Tudo isso interligado a um elemento primordial em uma sociedade: a comunicação. É ela que faz com que o diálogo se transforme em troca de experiências entre as pessoas. A escola precisa gerar ecossistemas comunicativos capazes de gerar entendimento e cidadãos críticos. Os alunos nascidos com o pleno desenvolvimento das TICs tem total apoderamento e sabem manuseá-las com facilidade. O papel da escola é fazer a ponte entre o saber manusear e o transformar em conhecimento e não mais transferir conhecimento.

Este trabalho centra-se no estudo da educomunicação e de uma análise geral de como as escolas estão construindo conhecimento hoje, dentro das perspectivas das SMECs dos 19 municípios da Região Celeiro do Rio Grande do Sul. Os estudos da interface da educação e da comunicação norteiam a pesquisa, pois a partir deles podemos entender o desenvolvimento dos sistemas de informação, a busca e a aceitação das tecnologias dentro de salas de aulas e como elas estão sendo aproveitadas como ferramentas para ensino-aprendizagem.

### **Informação Versus Comunicação**

O avanço da sociedade anda a passos largos. Caracterizada como sociedade mídia ou em rede, tudo o que é produzido em relação às TICs é muito rápido e a cada dia se torna obsoleto. O celular que é produzido hoje, amanhã já é substituído por outro mais moderno. A informação tem como uma das principais características a instantaneidade. A notícia de agora, daqui a um minuto já tem inúmeras para substituí-la. A ansiedade de saber o que está acontecendo a todo momento faz o universo das tecnologias e da comunicação passar muito ligeiramente fazendo com que seja impossível saber tudo. O turbilhão de informação é maior que a capacidade humana de estar atento para o todo. E essa rapidez ao invés de sanar as necessidades do sujeito gera uma falta de comunicação, mesmo com todos os aparatos tecnológicos produzidos para acabar com o problema.

Pensar em informação não é obter comunicação. O sujeito tem o pensamento de que ao possuir todos os instrumentos tecnológicos e informações estará comunicando. Os meios além de proporcionar facilidades, mediam o processo de comunicação. Porém, como escreve Dominique Wolton, nos dias de hoje há uma incomunicação, gerada pelo



fato de que “a informação tornou-se abundante; a comunicação, uma raridade. Produzir informações e a elas ter acesso não significa mais comunicar” (2010, p. 16).

Wolton (2010) trabalha com o conceito de “Aldeia Global”, definida por McLuhan em 1962. As tecnologias encurtaram as distâncias entre as pessoas, com isso o termo aldeia significa que com o progresso tecnológico o planeta se reduziu a uma aldeia estando todos interligados. Porém, Wolton acredita que ao invés das pessoas estarem se comunicando pelo fato de terem muita informação e condições, isso está complicando a comunicação. Há na verdade uma incomunicação. O autor escreve sobre o sonho utópico de uma aldeia, quando na verdade ele afirma que vivemos em uma torre, a de Babel.

A constante ansiedade de informação gerada pelo avanço e rapidez das TICs levou a uma má interpretação do que é verdadeiramente o intuito da informação, das tecnologias e principalmente da comunicação. O verdadeiro sentido dos termos está se perdendo. A informação é confundida com comunicação, e ao mesmo tempo não há compreensão, o que há é desentendimento. A falta de entendimento é causada pelo excesso de notícias, pois com a rapidez dos meios, criou-se a necessidade de estar informado constantemente, e essas informações normalmente sem conteúdo, causam a incomunicação.

Há diferenças entre comunicar e informar. Mas, estes sentidos podem estar interligados no processo de construção de notícias. Segundo Wolton (2010), a informação tem várias categorias, ou seja, a oral, imagem e texto e estão presentes em diversos suportes. Como a informação-notícia, a informação serviço, e a informação conhecimento, porém falta a informação relacional que está em todas as categorias e remete ao desafio humano da comunicação. É a partir daí que surge um paradigma, o de como transformar informação em conteúdo, para que possa haver comunicação. Nos dias de hoje essas etapas estão sendo “atropeladas” e causando um alvoroço. E o paradigma tem de ser resolvido durante a produção de conteúdo para os meios e não inverter e responsabilidade. Wolton traz um questionamento sobre a ideologia da comunicação que temos hoje. Ele afirma que é

transferido para as ferramentas o trabalho de resolver problemas sociais para os quais elas são habilitadas. É crer que quanto mais tecnologias houver, mais os indivíduos se compreenderão. Significa subordinar o progresso da comunicação humana e social ao progresso das tecnologias (WOLTON, 2010, p. 29).

A falta de comunicação é vista como um problema gerado pelos meios e as tecnologias que tiveram alto crescimento desde a sua evolução. Mas essa percepção, de



culpar as TICs não é correta, pois “o suporte não é o conteúdo” (WOLTON, 2010, p. 36). A frase demonstra que as ferramentas foram criadas como suporte e que a falta de conteúdo encontrada, é provocada pelo emissor da mensagem. Aqui todos são produtores. O emissor é pensado como o produtor, o receptor que interage com a informação e torna-se o emissor.

No momento da produção de informação existem, segundo Wolton (2010), desvios da informação. Observa-se que ao mesmo tempo em que a rapidez das tecnologias facilita a publicação de mensagens, perde-se em outros termos, como por exemplo, a profundidade dos assuntos. De forma resumida alguns pontos que o escritor aborda tratam sobre o pensamento de que o fato de ter mais informação disponível não cria diversidade, e sim, gera uniformização, pois todos os meios abordam a mesma coisa, sempre da mesma maneira.

Na comunicação existe um paradigma e busca-se uma resposta para chegar a um modelo que as pessoas se compreendam utilizando as informações. O caminho é fazer com que comunicação e informação andem juntas, mesmo tendo pontos diferentes. É construir materiais com conteúdo e informação, transformando em conhecimento, pois na medida em que isto ocorre, haverá comunicação. Wolton acredita ainda que mesmo com um mundo acelerado há tempo para aprofundar-se e viver os acontecimentos. Para ele, “ontem, comunicar era compartilhar e reunir, ou unir. Hoje, é mais conviver e administrar discontinuidades. Cada um desses conceitos, informação e comunicação, absorve uma parte do referencial do outro” (2010, p. 27).

### **Educação no Século XXI**

A educação por muitos anos seguiu um padrão tradicional e fixo. Poucos conseguiram inovar dentro do ambiente escolar. Com a evolução das TICs, e a importância dada a elas, a educação teve que buscar novas formas para acompanhar o progresso e trazer para dentro de sala de aula os nativos digitais. Eles nasceram diante das tecnologias e estão procurando ambientes educativos inovadores e, que façam o uso delas. Mas, o processo de implantação das TICs dentro de escolas não é tão rápido como o crescimento dessas tecnologias.

A cada dia uma nova invenção. O que antes era tradicional está se reinventando, correndo em busca do digital. A educação também está passando por um processo de mudança, na tentativa de repensar as suas práticas e metodologias, tendo em vista o seu público alvo. Antigamente, ensinava com padrões rígidos e agora procura



algo que desperte a curiosidade e o interesse pelo conhecimento nas crianças e jovens. Muitas escolas iniciaram o processo de transformação tecnológica. Em outras, ainda há certo despreparo e falta de motivação para colocar em funcionamento uma nova metodologia que também contemple as tecnologias.

Os nativos digitais estão conectados a um mundo totalmente diferente do que a escola proporciona. Ao se deparar com o universo rígido do ambiente escolar, os jovens acabam desmotivados. As tecnologias não foram construídas para educar, tinham um intuito diferente quando criadas, mas surgem no ambiente educativo como meio de mediação, de motivação para a pesquisa e o conhecimento. O desenvolvimento e utilização das tecnologias, cada vez maior por parte das crianças e jovens, está criando a necessidade de apropriação dessas ferramentas pela escola.

Com a posse de vários instrumentos digitais e o desejo de mudança, não resta outra alternativa para os locais de ensino, se não, o de reinventar. Esse reinventar não é trazer tecnologias somente para dizer que é inovadora, mas sim por em prática o funcionamento das TICs em todas as áreas do saber. Elas não foram criadas para serem armazenadas em armários. O papel delas é fazer com que o professor atue como mediador e utilize-as como motivação para os alunos e que possam criar e pesquisar neste espaço do saber.

Cada escola deve buscar elementos que motivem os alunos a criar interesse pelo conhecimento. Os nativos digitais estão acostumados a lidar com as tecnologias em suas casas, mas quando chegam ao ambiente escolar e se deparam com uma realidade diferente da sua, do não uso das TICs, ficam desinteressados. É por isso que a escola deve compreender as necessidades de seus alunos, utilizando as tecnologias e não deixando armazenadas nos armários. O século XXI traz um desafio à educação, trabalhar de forma dinâmica utilizando as tecnologias como forma de mediação e ferramenta para busca do saber.

### **Educomunicação**

Os meios de comunicação desde que foram criados tinham um papel de importância na sociedade. Primeiramente o rádio, logo após vem a televisão e toma grande parte do público ouvinte, dos atores e o espaço daquele que já havia vivido seus anos de ouro. A imagem nas telinhas, que agora ocupava o centro da sala encantava a todos. Diferente do que acontecia no rádio em que as radionovelas eram somente imaginadas, a TV chegava para revolucionar o mundo da comunicação. Os shows que



apresentava aliavam música e a imagem dos cantores. Com todo o encantamento que a televisão chegou e tomou para si, começaram a nascer críticas ao seu modelo. Com o surgimento da teoria frankfurtiana, que criticava não somente a TV, mas todos os meios fez nascer certo tipo de receio contra as mídias.

No Brasil, a Universidade de São Paulo (USP) tem uma ampla pesquisa em torno da teoria da educomunicação. Ismar de Oliveira Soares é um estudioso nessa área. A universidade é o espaço de pesquisa sobre esta teoria e onde, inclusive, há uma formação superior para pessoas que queiram se tornar educadores. Além disso, a USP mantém o NCE – Núcleo de Comunicação e Educação que propõe práticas em torno do tema e as realiza em escolas para o estudo e pesquisa para o avanço da educomunicação. Este objetivo vai além do fato de trazer tecnologias para o ambiente escolar e sim fazer educação para a comunicação, ou seja, o diálogo e a troca entre educador e educandos a partir de práticas dentro de um ecossistema. O estudo da educomunicação na percepção do NCE apresenta-se como:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de curriculares ou dependem da ação isolada aprendizagem (SOARES, 2002, pg. 24).

Martín- Barbero também contribui com suas pesquisas para o conceito de recepção de conteúdo e educomunicação através de ecossistemas comunicativos. A mídia não aliena. Há processos de mediação que faz com que os receptores vejam o conteúdo com diversos olhares. A educomunicação trabalha a questão do uso das TICs no ambiente escolar. Martín-Barbero (2003) define a educomunicação como ecossistemas comunicativos em que haveria uma conexão entre todos os elementos que implicam na educação e na comunicação, como fatores integrados para a produção do conhecimento. É preciso olhar esse contexto para:

[..] pensar no ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos. Um entorno difuso, pois está composto de uma mescla de linguagens e saberes que circulam por diversos dispositivos mediáticos, mas densa e intrinsecamente interconectados; e descentrados pela relação com os dois centros: escola e livro que a vários séculos organizam o sistema educacional (BARBERO, 2003, p.67).

Soares (2002) tem se dedicado a percorrer o Brasil divulgando os estudos de educomunicação e a importância de projetos dessa natureza. O professor é reconhecido pela formulação do conceito a partir das pesquisas brasileiras que embasam



teoricamente a educomunicação e como ela deve ser trabalhada. Ele trabalha a gestão comunicativa que trata-se “de um campo voltado para o planejamento e execução de políticas de comunicação educativa, tendo como objetivo a criação e desenvolvimento de ecossistemas comunicativos mediados pelos processos de comunicação e por suas tecnologias (SOARES, 2002, pg. 24).

A gestão comunicativa que Ismar aborda trata do diálogo como fundamental em qualquer relação do nosso cotidiano. Não somente em ambiente escolar, a comunicação deve estar presente para haver trocas de saberes e entendimento. Dentro de sala de aula deve ocorrer um planejamento para a criação de ambientes de diálogo e que Martín-Barbero chama de ecossistemas comunicativos. Eles são objetivos alcançados de uma boa gestão. Fazer com que professor e aluno troquem experiências garante a eles o conhecimento de novos saberes. É nesse espaço que as tecnologias da informação e da comunicação devem ser inseridas, ou seja, em locais onde prevaleça o diálogo e as TICs façam o papel da mediação.

Com os estudos da relação educação/comunicação está ocorrendo uma expansão, mesmo que tímida, do conceito relacionado ao desenvolvimento de práticas inovadoras em ambiente escolar. Soares refere-se aos cursos de capacitação para os professores e comenta sobre as dificuldades de concretizar ao mesmo tempo a comunicação e a educação:

O que restringe o professor é uma didática muito amarrada e não permite que ele vá além daquilo que já foi estabelecido pela didática há muitos anos. É preciso experimentar novos trabalhos. Dentro do espaço de uma aula você pode ter uma ação educacional (SOARES, 2010, p.1).

Sem dúvida o que a educomunicação quer mostrar na prática é que há espaço para inovação dentro de ambiente escolar. E todos devem estar envolvidos para que isso aconteça. A escola não é constituída somente pela parte administrativa e pedagógica, pais devem estar inseridos no processo de uma educação libertadora. É preciso que a interação entre os campos da educação e da comunicação estejam intrinsecamente ligados. As tecnologias por si só não vão estimular alunos e professores. Elas garantem motivação, mas aliadas à mediação do professor e o diálogo entre alunos e educador. A escola atua dessa forma juntamente com os pais, em forma de apoio e força para que sejam colocados em práticas. Tecnologias, mediação e diálogo devem estar juntos e não esquecidos nos armários.

## **Tendências e Perspectivas na Região Celeiro**



A pesquisa de campo foi realizada com os secretários municipais e coordenadores pedagógicos de 19 dos 21 municípios que constituem a Região Celeiro. As entrevistas, a partir de quatro perguntas básicas, foram efetivadas de duas formas, conforme o andamento da pesquisa e os contatos estabelecidos, ou seja entrevista pessoal gravada, em 17 municípios e entrevista por e-mail com dois.

A escolha por uma pesquisa qualitativa visa a uma análise qualitativa dos questionamentos a fim de compreender a forma como cada secretário e coordenador pedagógico pensa sobre o assunto e inclui as tecnologias e as mídias na proposta ou práticas de educação de cada município. É, na verdade, a busca por multisaberes. Não há números e valores que digam como se dá a prática educomunicativa na região. Os saberes compartilhados de cada município juntam-se para mostrar que não há somente um modelo sendo realizado, mas uma gama de experiências que se somadas geram um universo grandioso e revelam a realidade da região.

A pesquisa de campo proporcionou conhecimento das práticas educomunicativas que são realizadas na Região Celeiro. Todos os entrevistados falaram sobre os problemas enfrentados com este novo universo das mídias que chegam até as escolas. Uns mais, outros menos. O pensamento antes mesmo de realizar a pesquisa de campo era de que muito já se avançou no campo da educação e dos meios. Entretanto, quando se conhece a realidade de perto, principalmente dos municípios da região estudada, se percebe de que este processo ainda ocorre de forma muito lenta e que é necessário uma política educacional que possa acelerar ou estimular as práticas educomunicativas.

As pesquisas e as teorias implementadas nas grandes capitais mostram uma realidade diferente do que vivem as escolas do interior. Não se pode afirmar aqui que elas são desconhecidas, pelo contrário, todos, mesmo não sabendo o que é a teoria da educomunicação, mostraram que utilizam as tecnologias e os meios a fim de melhorar o senso crítico dos alunos e como importante instrumento hoje nesta formação, mesmo que de forma simples e gradual.

O uso das tecnologias está avançando devagar, pois nem todos os municípios tem dinheiro para oferecer uma estrutura tecnológica moderna. Utilizam os recursos que já existem nos espaços escolares, alguns mais inovadores levam seus próprios materiais e na medida do possível os municípios tem ajudado com o que podem, para garantir que todos os alunos e professores tenham acesso a esses recursos. A questão não é inovação, é sim, trabalhar com o que está ao seu alcance, ao seu redor. Fazer com que aquele recurso supra todas as deficiências, mesmo não sendo a tecnologia de ponta.





As escolas, mesmo que de forma lenta e gradual estão abrindo os espaços para a inserção das mídias e acreditam que hoje é impossível trabalhar a educação sem pensar nas ferramentas tecnológicas que vieram para tornar o ambiente escolar mais atrativo, motivador e dialógico. Os coordenadores em sua maioria demonstram responsabilidade em oferecer as tecnologias através de projetos e capacitações para os professores. Eles entendem que essa geração não acompanhou o avanço das tecnologias e que precisam dar amparo da melhor forma possível. O espaço de formação dos cidadãos encontra, principalmente, duas dificuldades que serão comentadas e analisadas ao longo dessas páginas.

A falta de poder aquisitivo de grande parcela dos municípios e a dificuldade no manuseio das mídias pelos professores são pontos vistos durante as entrevistas e caracterizam os dois principais obstáculos para a educação. Muitas escolas da região não tinham até este ano internet em suas escolas. Outras, pelo difícil local em que estão situadas, fator que onera o custo do valor de instalação, fazendo com que professores tenham que levar o seu próprio *modem* para que os alunos contem com mais uma ferramenta de pesquisa.

As escolas que não tinham internet até esse ano são, em sua maioria, espaços localizados no interior dos municípios. Isso caracteriza uma carência dos colégios situados nestes locais. Eles são sempre os últimos a receber as novidades. Seus alunos acabam perdendo com isso. Parte deles tem acesso às tecnologias em seu cotidiano e também precisam de auxílio dos professores para que além do entretenimento eles possam usufruir para o conhecimento.

Em outras escolas não há laboratórios de informática para os alunos. Para que o acesso seja realizado, eles precisam se deslocar nos municípios até os centros de informática. Em algumas cidades os próprios colégios levam os educandos até os locais. Mas não são todas as turmas que usufruem dessas vantagens. Em algumas escolas, as turmas do primeiro ao quinto ano tem acesso às aulas de informática. Em outras não é oferecido o recurso de computadores aos alunos das séries iniciais, somente aos que estão cursando as séries finais. Em alguns municípios, como por exemplo em São Valério, a escola leva os alunos até o centro de informática. Já em Braga, os estudantes contam com um telecentro na cidade, além do espaço que é oferecido na escola. O deslocamento do aluno é feito da maneira que ele conseguir. Como muitos estudantes do interior do município não tem computador em casa com acesso à internet, ele tem que ir até a cidade para utilizar os computadores do telecentro municipal. De certa



forma isso motiva e desmotiva o aluno. Motiva porque o aluno precisa ter ou criar interesse para pesquisar e obter novos saberes, mas às vezes acaba desmotivando, pelo fato de ter que se deslocar até conseguir o acesso para a pesquisa, causando desinteresse no aluno.

Os municípios, em sua maioria, utilizam os programas federais para conseguir verbas e equipamentos. Com a implantação de projetos os municípios e as escolas se comprometem a fazer o uso das ferramentas disponibilizadas garantindo que os alunos possam entrar em contato com as tecnologias, pesquisar e fazer com que o ambiente escolar seja mais interativo, promovendo uma troca de saberes entre professores e estudantes. Humaitá por exemplo, adquiriu lousas digitais para melhorar o ensino. O que é interessante é que os recursos tecnológicos que vem para as escolas dão um suporte com materiais complementares, para que os professores possam utilizar em suas aulas, além do que eles podem buscar com outras pesquisas.

Aliado as dificuldades encontradas nos municípios quanto aos investimentos em tecnologias, outro obstáculo a ser vencido é o afastamento dos professores em relação às TICs. Nos municípios em que foi realizada a pesquisa de campo, os secretários e coordenadores explicam que na grande maioria os professores não usam o recurso.

O que se tem percebido é que as escolas de uma maneira geral empenham-se em oferecer tecnologias, mas ao longo do caminho encontram problemas. Os professores tem dificuldade de manusear as TICs e isso faz com que o resto dos problemas seja consequência de não saber usar as ferramentas. Os educadores não acompanharam o ritmo das tecnologias e muitos acreditam que essa prática não é necessária. Primeiro, porque sempre seguiram um modelo tradicional, totalmente alicerçado nos livros, cadernos, canetas, quadro e giz. Para eles isso é uma tecnologia e fora disso tudo, o que há de novo atrapalha a sua lista enorme de conteúdos a ser trabalhada ao longo do ano. O segundo motivo é que as crianças não prestam mais atenção no professor quando estão na frente de um computador. Pensam que a tecnologia tem somente pontos negativos.

O que esses professores não perceberam é que os tempos são outros. A tecnologia está diante de todos e quem faz na maioria das vezes o uso são crianças e jovens, logo, eles vivem uma realidade diferente, mais ágil e que se ensinada pelos professores, pode ser mais educativa e formativa. Os livros não podem ser deixados de lado, pois são complemento, assim como a tecnologia. Aqui não se estuda a tecnologia como o centro de tudo, mas como uma possibilidade, como uma mediação. Quem está



no centro é o professor e o aluno. É para eles que as possibilidades abrem espaços para garantir as trocas de experiências. Os conteúdos são necessários, porém melhor ainda se discutidos trazendo a realidade para dentro de âmbito escolar.

Os nativos digitais também se encontram nos pequenos municípios do interior do estado e do país. Eles têm uma capacidade enorme de fazer muitas atividades ao mesmo tempo e conseguem aprender. Nasceram em uma sociedade já toda informatizada e que apresenta aspectos positivos e negativos. A escola é o local onde esta prática tem que ser ensinada, para mostrar os aspectos positivos que as TICs oferecem, como a pesquisa, a curiosidade que faz com que aluno e professor dialoguem. Mas também pode mostrar que há o aspecto negativo e alertar quanto aos perigos que estão por aí. E dessa maneira que teremos jovens mais interessados nas aulas. Saber manusear as ferramentas tecnológicas não quer dizer saber buscar conhecimentos. O papel do educador é garantir que a facilidade que o aluno tem em acessar os recursos resulte em uma busca inteligente pelo conhecimento.

Uma desculpa usada para a não utilização de ferramentas tecnológicas é que alguns professores se encontram em final de carreira e por isso preferem utilizar seus próprios métodos para dar aulas. Não somente os professores que já estão concluindo suas atividades deixam de utilizar estes recursos, educadores recém-chegados às salas de aulas se acomodam com o sistema e ao invés de inovar nos espaços escolares preferem seguir com a mesma fórmula. Aulas mais maçantes, alunos mais desinteressados. Este é um tempo de busca pelos multisaberes envolvendo todas as áreas e principalmente levar o aluno a compreender o cotidiano que o cerca.

Há uma percepção sobre como as secretarias e professores pensam o uso das tecnologias. Elas acreditam que as aulas de informática devem ensinar o ABC da informática aos alunos, ou seja, ensinar a ligar, desligar o computador, abrir o e-mail, lições mais práticas, principalmente, quando se fala do ensino nas escolas do interior, pois as crianças não tem um computador em casa. Pensar a tecnologia é muito mais do que ensinar a ligar e desligar um computador e sim, abrir as portas para que os alunos manuseiem as ferramentas que o computador oferece e que constroem o conhecimento, o saber crítico e tornam cidadãos. Mostrar que o uso abre novos horizontes e não ter a preocupação de que as crianças ao tocarem as tecnologias irão estragar.

Professores, secretários e coordenadores talvez ainda acreditem que possa haver uma receita que ensine passo a passo o manuseio para se trabalhar as tecnologias dentro de sala de aula. Grande parte das secretarias busca por meio da formação continuada o



bê-á-bá do ensino com tecnologias. De como realizar aulas mais interativas e interessantes para os alunos. Mas, não há uma receita pronta para o uso das tecnologias. A regra geral é utilizar com moderação todos os ingredientes, ou seja, pensar o todo das TICs e junto delas aliar a conversa entre professor e aluno, a troca de saberes, onde professor e aluno vão construir juntos os conhecimentos. De nada adianta o professor chegar à sala de aula com uma indicação, se não conhece a realidade de seu aluno, não sabe as curiosidades deles, ou não as instiga. E isso só se constrói com diálogo. As TICs vêm para tornar o ambiente escolar um espaço de compartilhamento de saberes múltiplos que advém dos professores e alunos. Elas cumprem o papel de mediadoras do conhecimento por meio da conversa, algo que com a expansão das tecnologias se perdeu. Hoje há muita informação, mas pouca comunicação e compreensão.

Dentro da educação há um anseio de instalar as tecnologias dentro de sala de aula, mas, a ideia que chega primeiro é a de que os professores querem alguém que ensine o caminho, que indique que investimento é melhor ou que estrutura se adaptaria melhor. É preciso avaliar, planejar práticas tecnológicas que depois serão trazidas para sala de aula. Mas na verdade, não há um caminho que indique o que deve ser seguido. Cada escola a partir de suas escolhas pode construir a sua trajetória rumo à obtenção das tecnologias e sua utilização sem medo.

A falta de formação nas universidades sobre os as TICs cria insegurança. As formações continuadas oferecidas pelas secretarias não vem ao encontro das reais necessidades das escolas e dos professores. Eles acreditam que estes espaços não dão uma fórmula pronta para trabalhar essas questões, o que dificulta o entendimento. Muitas secretarias oferecem cursos, eles são incentivados a participar, mas ao final, poucos conseguem terminar o curso básico. Alguns realizam os cursos porque são obrigados, para cumprir a carga horária. Não há interesse próprio por questões dessa natureza. O desejo de inovar dentro de sala de aula não nasce, na maioria das vezes, do professor, mas sim de uma equipe que muitas vezes impõe metas para que os professores cumpram. Isso dificulta o processo de implantação de práticas educacionais nos espaços escolares. Cada município encontra algum motivo para o não uso das mídias. Outros ainda dizem que o professor não está preparado e não sabem quando estará.

O momento de se preparar seria durante a sua formação, mas já que na maioria das vezes isso não acontece, a busca tem que vir de dentro de cada um, de aproveitar as oportunidades que são oferecidas e de buscar dentro de sala de aula muitas das respostas



para as perguntas. Saber utilizar de uma fonte de conhecimento que está todos os dias junto com o professor: o aluno. Quando ele perceber que é o mediador na sala e não sabedor de tudo, poderá ter a sua formação dentro deste universo que jamais pensou que iria obter. O professor depois de formado vai para a escola pensando que irá depositar todos os seus saberes neste local e para os alunos. Ele não acredita que dentro da escola poderá transformar o seu saber e os demais. É por isto que ainda há problemas de entendimento, pois grande parcela dos professores não dialogam, não aceitam que podem aprender junto com os alunos.

A dificuldade de manuseio e o desinteresse em utilizar as tecnologias não estão ligados à idade dos professores. Muitos professores com pouca idade e recém-formados se acomodam em um sistema monótono, quando na verdade, a realidade é totalmente diferente. Na sua frente existem crianças e jovens conectados com o mundo das tecnologias. Eles querem que a escola participe deste mundo tecnológico, para que ao mesmo tempo construa novos saberes.

A grande queixa registrada é a da dificuldade encontrada no manuseio por parte dos professores e que os secretários comentam. E isso é devido ao despreparo dos professores e até mesmo do desinteresse por essa prática. Esquecem que o seu papel é fazer com que o aluno aprenda além dos horizontes, saiba decifrar as fórmulas e as utilize em seu cotidiano. Sem comunicação, sem a troca de experiências, o que resta é um ensino voltado para decorar tudo e não saber usar no dia a dia. A teoria da educomunicação quer que a escola esteja perto do seu aluno, saiba o que ele precisa e intervenha na sua realidade. O importante não é a ferramenta, mas sim a mediação que elas oferecem.

Ao longo da pesquisa nota-se que o processo de implantação das tecnologias e o seu uso está caminhando devagar. Há muito que caminhar ainda. Na verdade foram dados os primeiros passos no que se refere a um ensino inovador. O ensino formal e tradicional está muito presente na realidade dos municípios do interior do estado, principalmente, os que foram analisados na pesquisa. Os poucos investimentos, a falta de tempo dos professores, o despreparo na área da informática e tecnologias faz com que deixem de utilizar as ferramentas, pois acreditam que devem saber de tudo e ficam receosos em perguntar para os próprios alunos. Em outros casos o desinteresse em transformar a sala de aula em um ambiente de diálogo faz cada vez mais o sonho de tornar o ensino inovador virar utopia.



Os municípios que conseguem avançam aos poucos, pois mesmo sem total uso das tecnologias por parte dos professores, os secretários e coordenadores acreditam que seja de suma importância a implantação das TICs e fazem o possível para adquirirem equipamentos e alguns até oferecem formações sobre o assunto. Dos 19 municípios entrevistados observa-se que quase todos estão neste mesmo patamar. Todos fazem uso de algum tipo de tecnologia, mesmo que não frequentemente. O maior desafio que eles terão pela frente, já que se encontram, em sua maioria, equipados é fazer com que todos os professores utilizem estes recursos, independentemente da área. O professor não deve passar a responsabilidade de ensino com TICs para o monitor de informática. Os dois devem trabalhar em conjunto.

### **Conclusão**

A pesquisa realizada nos municípios da Região Celeiro é uma amostra de uma questão central a ser resolvida na educação brasileira, ou seja, que todos os professores saibam da importância de trazer para sala de aula a tecnologia, como um suporte, como mediadora do ensino para que possam construir uma proposta educacional que envolva toda a escola. Mesmo com poucos recursos financeiros, quase todas as escolas possuem algum meio que vai desde a produção do jornal, do uso telefone, da câmera fotográfica, da televisão, rádio até a mais sofisticada sala de informática ou lousa digital. O que falta na verdade é implementar uma proposta articulada, para que estes suportes não sejam meras ferramentas pedagógicas e sim instrumentos que contribuam para refletir sobre a realidade.

Esta pesquisa mostra alguns dos resultados do processo de como estão sendo realizadas as práticas educacionais no interior do Rio Grande do Sul, na Região Celeiro, e se percebe que ainda há um desconhecimento do que seja a Educação, embora já existam práticas que se enquadram nesse pressuposto. É importante ressaltar que somente o uso delas não irá solucionar os problemas da educação, como as dificuldades na aprendizagem e o desinteresse por parte dos alunos. A tecnologia por si não educa, ela deve ser pensada como uma ferramenta de mediação, que irá motivar o aluno e o professor na troca de experiências gerando os ecossistemas comunicativos, capazes de transformar a educação.

A pesquisa de campo realizada nos municípios da Região Celeiro apresenta-se como um diagnóstico das práticas educacionais desenvolvidas nas escolas e pode indicar caminhos para que esta proposta seja melhor refletida pelas políticas educacionais, tendo em vista que o principal benefício é a formação de jovens melhor



preparados para a sociedade no sentido de se tornarem mais críticos em relação aos conteúdos e à cidadania. Os secretários de educação e coordenadores pedagógicos entrevistados por meio de seus depoimentos ajudam na compreensão de como a relação entre as mídias, as tecnologias e educação são vistas. Por meio da análise observa-se que eles percebem a importância que as TICs têm nos dias de hoje dentro do campo da educação. As práticas mesmo que recentes causadas pelas dificuldades enfrentadas pelos professores e até pelo desinteresse e a falta de investimentos, revelam que de forma gradual muito já se desenvolveu e com certeza se expandirá.

## REFERÊNCIAS

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão comunicativa e educação**: caminhos da educomunicação. Comunicação & Educação. São Paulo: USP, (23): 16 a 25, jan./abr. 2002). Disponibilizado em <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012/39734>. Acesso em 16 de outubro de 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Ismar Soares define o conceito de educomunicação**. In: Jornal e Educação. Disponível em: <http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/entrevistas/ismar-soares-define-oconceito-de-educomunicacao>. Acesso em 09/04/2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 1997.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2010.